PEDRADA EM CASA DE MARIMBONDO: PRATICAS LETRADAS, CAPITALISMO E CIVILIZAÇÃO NO LIVRO *O CANTO NOVO DA RAÇA*

Thiago da Silva Nobre[1]

Resumo : O presente artigo intenta compreender as práticas cotidianas[2], em Fortaleza, na década de 1920. Para tal empreitada se fez uso da primeira publicação modernista no Ceará (*O Canto Novo Da Raça*), de 1927. Livro de caráter coletivo, feito por quatro escritores[3] estreantes. Enfeixou em sua brochura várias facetas da cidade, bem como gestos, atos, costumes, sensibilidades, expectativas, críticas e percepções. Em uma época que saltava aos olhos destes escritores a tensão entre tradição e modernidade, bem como vivenciaram subjetivamente essas novidades. Analisar-se-á, sobremaneira, os poemas presentes no livro, tentando fazer uma conexão entre forma, conteúdo e o contexto da época.

Palavras- chave: Modernismo, Práticas Letradas, Capitalismo

Abstract: The present article tries to understand the daily practices, in Fortaleza, in the decade of 1920. For this work one made use of the first modernist publication in Ceará (*O Canto Novo da Raça*), of 1927. Book of collective character, made by four novice writers. He has embedded in his brochure various facets of the city, as well as gestures, acts, customs, sensibilities, expectations, criticisms and perceptions. At a time that leapt in the eyes of these writers the tension between tradition and modernity, as well as experienced subjectively these novelties. We will analyze the poems present in the book, trying to make a connection between form, content and the context of the time.

Keywords: Modernism, Literate practices, Capitalism

[1] Diz respeito à maioria silenciosa, ao homem ordinário, aos consumidores e às suas respectivas práticas corriqueiras. São as suas "maneiras de fazer" que constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural (CERTEAU, 2002).
[2] Diz respeito à maioria silenciosa, ao homem ordinário, aos consumidores e às suas respectivas práticas corriqueiras. São as suas "maneiras de fazer" que constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural (CERTEAU, 2002).
[3] Jáder de Carvalho, Sidney Neto, Mozart Firmeza e Franklin Nascimento.

A cidade de Fortaleza, juntamente com outras cidades do Brasil, estava inserida em um contexto particular. Esboçado a partir do final do século XIX e prosseguindo pelas primeiras décadas do século XX, qual seja a abolição da escravatura, a implantação do trabalho assalariado, a instauração do regime republicano, no século XIX. No século XX, pode-se mencionar a crise oligárquica, a modernização dos equipamentos urbanos e a dinamização das trocas comerciais "[...] desencadeados pela emergência de novas forças e valores sociais e das injunções demandas pelo capitalismo que então se mundializava [...]" (PONTE, 2010, p. 17). Desse modo, a cidade de Fortaleza foi se inserido no ritmo frenético do capitalismo mundial, vindo à ordem do dia questões como saneamento, higiene, urbanidade, controle social e civilização.

A cidade de Fortaleza se consolidou como polo político e econômico do Ceará, onde passou a ser o lócus irradiador para as outras cidades cearenses desses valores caros à mundialização capitalista. A vida ficou mais veloz e o mundo se estreitou. O fluxo de mercadorias, ideias e pessoas se intensificou. Os sujeitos sociais, e também os agentes letrados, não passaram imunes a essas mudanças na tessitura cotidiana e ao processo civilizador[4] instaurado, experienciaram e sentiram de maneiras diversas as novas relações surgidas.

Os letrados e os intelectuais escreveram e produziram acerca do que vivenciaram, concordaram ou não com o peso incomensurável das mudanças históricas, sustentaram debates intelectuais fervorosos sobre os caminhos a serem seguidos pela sociedade, propagandearam ideias e defenderam estéticas[5]. Desta feita, o artigo pretende compreender as práticas cotidianas na cidade de Fortaleza, na década de 20, a partir dos conteúdos poético-narrativos e dos discursos existentes no livro *O Canto Novo da Raça*, bem como as práticas letradas[6] empreendidas pelos intelectuais participantes da primeira geração modernista da capital.

O que foi o Modernismo? Geralmente, quando se faz referência sobre, associa-se de imediato aos movimentos artísticos que percorreram o final do século XIX e o século XX, dos quais muitas concepções filosóficas, políticas e estéticas estavam em jogo e em que vários grupos artísticos (expressistas, cubistas, futuristas, simbolistas, dadaístas, surrealistas) fizeram parte (VELLOSO, 2010).

Peter Gay (2009) e Raymond Williams (2011) concordam que o Modernismo foi um fenômeno eminentemente urbano, advindo das novas relações capitalistas nas demasiadas

[4] Segundo Nobert Elias (1994), o comportamento e vida afetiva dos ocidentais mudou gradualmente após a Idade Média e a criação dos Estados nacionais. Mudança que segue em uma direção específica, rumo à "civilização". O processo civilizador propõe uma mudança peculiar aos sentimentos de vergonha e de delicadeza, muda o padrão do que a sociedade exige e proíbe, move as perspectivas do desagradável, do que é socialmente aceito.

[5] Refere-se aqui à estética literária (Modernismo), mas também, segundo Angel Rama (1985), à estética urbanística. Os letrados através dos signos ordenam, escalonam, desenham, projetam a cidade antes de sua existência material, e a fazem persistir em um combate intenso em relação aos usos alternativos empregados pelas pessoas comuns.

[6] Conceito nascido do cruzamento do debate entre Roger Chartier e Michel de Certeau. Chartier (1996) trabalha com as práticas da leitura, em que ressalta os usos, os manuseios, as formas de apropriação e de leitura dos materiais impressos, encarando o ato de ler como uma prática criadora, inventiva, produtora. Certeau (2002) invoca as práticas cotidianas, ordinárias dos praticantes, dos consumidores. Como eles, em situações já postas e intransponíveis, conseguem produzir respostas inesperadas, astúcias e pequenos sucessos.

aglomerações humanas das grandes cidades. Para Peter Gay, o Modernismo se formou a partir da prosperidade social nos Estados em fase de industrialização e urbanização. O sistema fabril, surgido na Inglaterra, e posteriormente expandido pelo mundo, foi o pré-requisito indispensável para a produção e consumo de massa dos bens de consumo, entre eles as belas-artes. A estrada de ferro, bem como tantas outras novas tecnologias, transformaram definitivamente os padrões populacionais e as oportunidades comerciais. Novos mecanismos financeiros e vastos impérios bancários forneceram o capital para formação de um mercado de riqueza inédita.

Já para Williams, complementando a assertiva acima, o Modernismo se constituiu como o local novo e específico dos artistas e dos intelectuais desse movimento dentro do ambiente cultural em transformação da metrópole. Na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, a metrópole se moveu rumo a uma dimensão cultural diversificada. Ela era agora muito mais do que a cidade imensa, ou mesmo, muito mais do que a capital de uma nação importante. Ela era o lugar no qual novas relações sociais, econômicas e culturais começavam a ser formadas.

O uso sistemático do termo moderno remonta ao século XVI, à época do Renascimento, quando irrompeu um intenso debate intelectual sobre a contraposição antigo/moderno. Porém, desde o século V, existiram contrates de concepções de mundo, delineando as tensões entre passado e presente (Rodrigues, 2000).

É entre o final do século XVIII e começo do XIX que surge o conceito de "Modernidade" (*Modernité*), entendido como um período totalmente novo e sem precedentes. Para Jacques Le Goff (1984), o termo foi uma reação ambígua da cultura à agressão do mundo industrial, em que partir do século XX se vulgariza no Ocidente, sendo introduzido em outros lugares, sobremaneira nos países do Terceiro Mundo, aonde foi privilegiado a ideia de "modernização". Já para Marshall Berman (1987), a modernidade é um tipo de experiência vital, uma experiência de tempo e de espaço, de si mesmo e dos outros, das potencialidades e possibilidades compartilhadas por mulheres e homens ao redor do mundo.

No Brasil, segundo Antonio Candido (2000), o movimento Modernista foi um brado de independência cultural e de valorização identitária, apesar de ter em sua origem a influência das vanguardas européias, buscou a sua própria identidade, temas, formas, entendimentos de mundo, modos de escrever e de falar. O Modernismo brasileiro foi muito importante em sua fase heróica, pois trouxe à tona vários assuntos recalcados ou eufemisados através da idealização, como, por exemplo, a grande mestiçagem do povo brasileiro e a forte herança cultural indígena e africana. É o fim do diálogo de inferioridade perante Portugal. O que era idealizado para esconder as

contradições ou era interpretado como desvantagem e deficiência, transmutou-se em superioridade e peculiaridade do nosso povo.

Já se falou, suficientemente, do Modernismo na Europa e no Brasil, agora se vai diminuir a lente para que seja possível visualizar a estética Modernista na cidade de Fortaleza. O Modernismo aqui, em linhas gerais, foi eminentemente de feitio telúrico, com muitos índios, cocares, pajés, canibalismo, caboclos, sertão, chuva, seca, açudes, congos e xérens.

No segundo número de Maracajá, Demócrito Rocha explica em tom de pilhéria a diferença dos modernistas daqui e de São Paulo: “Elles mettem excessiva erudição no que fazem. E bancam sisudez. Nós somos alegres por índole. Em São Paulo, os rapazes para fazer a sua antropofagia precisam dar o laço à gravata. [...] Aqui não. Nós rimos de tudo” (ROCHA, 1929, p. 1). E Rachel de Queiroz reitera, que os intelectuais daqui estavam “convencidos de que fazer modernismo era escrever regionalismo, com grande gasto de índios, antas, cocares e mais brasilidades, em frases de três palavras” (QUEIROZ, 1968, p. 18).

Após este exemplo, cabe aqui uma crítica ao paradigma de 1922, no qual a hegemonia discursiva construída sobre a Semana de Arte Moderna, como o marco do surgimento do Modernismo no Brasil, desencadeando a taxação de pré-moderno em relação a tudo o que tivesse acontecido antes da efeméride. O próprio conceito de “Modernismo” no singular é problemático. A experiência modernista brasileira foi muito mais vasta e diversa, acionando uma rede variada de trocas sociais, sendo mais interessante utilizar o termo “Modernismos” para ressaltar a pluralidade e riqueza do movimento. Ou seja, o Modernismo cearense foi um dentre vários outros que existiram. O Modernismo não se limitou ao eixo Rio - São Paulo, espraiou-se por vários estados do Brasil, propiciando a criação de grupos, movimentos, manifestos, periódicos e revistas, além de propiciar também a difusão de ideias e práticas sociais (VELLOSO, 2010).

É perceptível o despontar de uma nova geração[7] de intelectuais no *Campo Literário*[8] de Fortaleza, que vai se diferenciar da geração anterior, dividindo-se na Mocidade Cearense[9] e nos Novos do Ceará[10]. Mas, sobremaneira, o que crava definitivamente o início do corte cronológico foi a visita de Guilherme de Almeida[11] à capital de Alencar, para proferir a sua conferência “A Revelação do Brasil pela Poesia Moderna”. Certame elaborado para difusão da poesia moderna nas cidades brasileiras.

---

[7] Conceito elástico que periodiza, entre a década e o século, a sucessão humana no espaço e no tempo. A geração, semelhante a uma respiração, é um produto da cultura, existindo a partir do momento em que cria uma existência autônoma, uma identidade. Ela é modelada pelo acontecimento, muitas vezes fruto da auto-representação e da autroproclamação. Ou seja, o sentimento de pertencer ou ter pertencido (SIRINELLI, 2006).
[8] Lócus estruturado de disputa de poder e de interesses específicos, aonde os sujeitos estão prontos para jogar plenamente nas regras pré-estabelecidas do “jogo social” (BOURDIEU, 2010).
[9] Alude aos antigos integrantes da Academia Francesa (Rocha Lima, Araripe Júnior, Capistrano de Abreu, dentre outros) e aos Abolicionistas de 1884 (Justiniano de Serpa, Rodolfo Teófilo, Oliveira Paiva, etc).
[10] Refere-se aos membros da Padaria Espiritual e aos fundadores do Centro Literário (Antônio Sales, Adolfo Caminha, Lívio Barreto e outros).
[11] Poeta participante da Semana de Arte Moderna de 1922 e um dos fundadores da revista Klaxon.

A estética modernista, ainda que prematura no Ceará, deu o seu primeiro fruto em 1927, com *O Canto Novo da Raça*, tendo como autores Jáder de Carvalho[12], Sydney Neto[13], Franklin Nascimento[14] e Mozart Firmeza[15]. É sintomático perceber a tensão entre a tradição consolidada e resistência às novas práticas sociais, em detrimento das recentes pressões e possibilidades no cotidiano fortalezense surgidas das experiências advindas do capitalismo mundializado, da modernidade e da urbanização desenfreada das cidades, presentes nos temas dos poemas. Pode-se ressaltar os novos modos de sociabilidade na cidade, o problema da seca, a modernização urbana de Fortaleza, as moças da cidade, os retirantes, as grandes obras no sertão, a miscigenação, as manifestações operárias, a pátria, entre outros.

O modernismo no Ceará, desde o seu início, cultivou semelhanças com outros estados da região Nordeste (Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte). Na primeira publicação modernista cearense, através do título e em vários poemas, já é possível se perceber o tom regionalista, telúrico e penumbrista[16] típico do início do século XX (MARQUES, 2010).

Em 1928, foi criado por Demócrito Rocha[17] o periódico *O Povo*, que juntamente com outros colaboradores empreendeu um vultoso propagandeamento do Modernismo no Ceará. Principalmente nos anos de 1928 e 1929, período em que os conflitos estéticos se tornaram aguerridos. Demócrito Rocha teve papel de liderança na época, agregando os intelectuais ao redor do jornal *O Povo* e da folha modernista *Maracajá*. Em de 7 de fevereiro de 1928, saiu um artigo de Paulo Sarasate[18] falando sobre o livro *O Canto Novo da Raça* e o rebuliço intelectual impetrado por ele.

> Com o apparecimento do <<O Canto Novo da Raça>>, parece que um sangue mais vivo se infiltrou em as veias literarias da terra cearense, sacudindo-as do torpor em que amodorravam. O opusculo dos jovens poetas conterraneos teve, destarte, - se mais não conseguiu – o merito de despertar mentalidades adormecidas e incitalas a contemplar, de frente, os horizontes vermelhos de um novo movimento literário. Porque, não há negá-lo, nossa capital vivia de ha muito um ambiente abafado, uma atmosphera doentia, ankilosada, em materia de letras. Agora, não.[...] nota-se que uma ondulação mais franca vibra, e palpita, e pulsa entre <<os três mil intellectuaes de Fortaleza>>.[...] foi, um brado de alerta. Produziu, para empregar a expressão vulgar, o effeito de uma pedrada em casa de maribondos. (Jornal *O Povo*, nº 26, 7 de fevereiro de 1928)

[12] Bacharel em Direito, exerceu a advocacia e o magistério, porém também foi jornalista. Fora entusiasta do comunismo.
[13] Foi tipógrafo, funcionário na Rede de Viação Cearense e inspetor de ensino na Diretoria de Instrução Pública do Estado.
[14] Foi funcionário do Ministério da Viação, lotado na Rede Viação Cearense.
[15] Foi oficial de gabinete no governo de Matos Peixoto, em 1928.
[16] Sem ser uma escola literária, o penumbrismo ou crepuscularismo remete à produção de alguns poetas pré-modernistas, como, por exemplo, Ribeiro Couto e Manuel Bandeira. A inspiração veio de poetas franceses e italianos, a quem eram caros temas intimistas, ambiências a meia-luz, tom melancólico, recursos sonoros como repetições e sons nasais. No conjunto, o penumbrismo poderia ser considerado como uma estética da atenuação: atenuação de sentimentos, ternura pelo tema, volúpia ambígua, quotidiano, solidariedade (GOLDSTEIN, 2013).
[17] Nasceu na Bahia, mas foi aos 25 anos para Fortaleza. Foi telegrafista e depois se formou na Faculdade de Farmácia e Odontologia, tornando-se dentista. Fundou vários periódicos, como, por exemplo, *Ceará Ilustrado*, *Gazeta de Notícias* e *O Povo*.
[18] Bacharel em Direito, jornalista e posteriormente seguiu a carreira política. Fora cunhado de Demócrito Rocha, dirigindo, juntamente com ele, o *Ceará Ilustrado*, *O Povo* e *Maracajá*.

Prosseguindo com o seu programa de propaganda do Modernismo, saiu ao prelo como suplemento do *O Povo* a folha modernista *Maracajá*, datando o primeiro número de 7 de abril de 1929.

No interstício entre o primeiro e segundo número, os modernistas cearenses em reunião, segundo a nota saída no *O Povo* de 31 de maio, fundaram na redação do mesmo a *Tribu Cearense de Antropofagia*, no qual participaram da criação Jáder de Carvalho, Antonio Garrido (Demócrito Rocha), Paulo Sarasate[19], Mozart Firmeza, Franklin Nascimento, Sydney Netto e outros intelectuais.

Seguindo adiante, o segundo, e já último número, saiu em 26 maio. Com o fim de *Maracajá* e do ano de 29, ao que se percebeu, escassearam-se no jornal *O Povo* as notícias e referências ao Modernismo, e consequentemente a campanha, ao ponto de desaparecem de suas folhas nos anos 30.

Porém, e apesar do arrefecimento grupo modernista, em setembro de 1931 é lançado a folha modernista *Cipó de Fogo*, que para todas as instâncias continuava o projeto estético de *Maracajá*, além de ter envolvido na sua concepção, praticamente, os mesmos indivíduos. Mário Sobreira de Andrade, em carta enviada ao redator-chefe de *A Gazeta*, coloca essa questão em atino, afirmando que “O nosso primeiro movimento, com <<Maracajá>>, foi um avanço para a derrubada. Nós viviamos, da Baia ao Amazonas, sem um surto de progresso mental, no terreno literário. [...]Agora <<Cipó de Fogo>>. Coisa seria. Para Edificar. A obra literaria do Modernismo Cearense. (Cipó de Fogo, 1931, 5). A folha não passou do primeiro número, pereceu prematuramente assim como a sua antecedente.

Concernente aos aspectos políticos da época, o primeiro governador do decênio de 20 foi Justiniano de Serpa[20], que após uma grande estiagem que ocorrera um ano antes, iniciou a sua administração em 12 de julho de 1920. Segundo Raimundo Girão, o governo de Serpa foi o “primado da inteligência e das renovações democráticas.” (GIRÃO, 1984, p. 201), pois implementou a reforma da Constituição Estadual, proibindo reeleições estaduais, estipulando a eleição dos prefeitos dos municípios por escolha de voto e dentre outras. O governador Serpa também voltou os seus olhos para instrução pública do estado, para tanto trouxe à província o professor paulista Lourenço Filho para empreender uma reforma educacional.

Em seguida veio a administração do Desembargador Moreira da Rocha, possuindo o caráter principal de continuador das reformas feitas no governo Serpa, além do término dos serviços de água e esgoto. Logo depois, veio à governança do Estado Matos Peixoto. Teve o seu

[19] Bacharel em Direito, jornalista e posteriormente seguiu a carreira política. Fora cunhado de Demócrito Rocha, dirigindo, juntamente com ele, o *Ceará Ilustrado*, *O Povo* e *Maracajá*.

[20] Foi redator no jornal Constituição, mídia do Partido Conservador, e bacharel em Direito em 1888. Participou ativamente dos movimentos da abolição da escravatura e da proclamação da República. Além de ter sido um dos fundadores da Academia Cearense de Letras.

governo marcado pela criação de algumas secretarias que o Estado há muito necessitava, como a de Agricultura, a de Comércio, a de Obras Públicas e a de Polícia e Segurança Pública. Na educação seguiu as diretrizes implantadas por Lourenço Filho. Em 1930, foi deposto pelo “movimento revolucionário”, dando azo ao período das Interventorias no Ceará.

Findado o voo panorâmico sobre o contexto em que a cidade de Fortaleza estava inserida e, também, sobre as práticas letradas dos intelectuais participantes do modernismo na capital, iniciar-se-á a analise dos poemas pertencentes à obra *O Canto Novo da Raça*.

Como já mencionado anteriormente, a primeira publicação modernista do Ceará saiu ao prelo em 1927. Livreto mais vertical do que horizontal, possuindo uma dedicatória na capa a Ronald de Carvalho[21], sem numeração nas suas quarenta páginas e encerrando dezoito poemas de quatro escritores estreantes (Jáder de Carvalho, Sidney Netto, Mozart Firmeza e Franklin Nascimento).

O livro começa com um poema de Jáder de Carvalho, nomeado de “Poema da Raça”, em que na primeira estrofe já se vê uma alusão direta ao poeta Walt Whitman. De onde se pode afirmar acerca da coincidência, e, porque não dizer, da proposital referência a Ronald de Carvalho e, logo em seguida, a Walt Whitman[22].

Segundo Wilson Martins, Ronald de Carvalho encontrou em Whitman o grande mestre da poesia telúrica e do verso livre, por isso ele também quis cantar a América. Mas a verdade é que, quando Whitman cantava a América, cantava o seu próprio país. Ronald de Carvalho, em contrapartida, quando cantava a América, cantava o Brasil. (MARTINS, 1969).

> Eu falo, no Continente brasileiro, desafiando,
> a linguagem profética de Walt Whitman! ao som de cordas
> nostálgicas:
> Meu povo bárbaro,
> vive, comigo, a inquietude contemporânea: amoroso,
> - Batalhando, em toda a extensão das coxilhas, insofrido,
> no pampa luminoso, infinito e marcial! capaz de todas as
> audácias,
> - Estuando, dinamizado, à sombra dos arranha-céus, capaz de todas as
> bravuras:
> Em São Paulo! No sertão árido e nu
> dos cantadores
> - Vibrando e dos cangaceiros!
> versejando, No Acre-exílio das
> violas do Ceará!
> (CARVALHO, 2011, p. 33 e 34)

[21] Poeta carioca e modernista que publicara, em 1926, o livro *Toda a América*.
[22] Poeta norte-americano, nascido na cidade de Huntington em 1819. Grande expoente do verso-livre.

Pois bem, Jáder de Carvalho trovou também o continente (sul americano) e o seu país, ao seu modo. O autor secciona o Brasil em quatro eixos principais: extremo Sul, Sudeste, Nordeste e extremo Norte. Identificando os lugares através de suas características regionais, vai traçando o perfil geral do continente brasileiro. Primeiro se refere ao extremo sul, aludindo à paisagem corriqueira de lá, com as suas coxilhas[23] e com seu o pampa[24]. Logo em seguida, fala de São Paulo e dos seus arranha-céus, símbolos de modernidade e cosmopolitismo. Depois passa ao sertão dos cantadores e dos cangaceiros, referindo-se ao Nordeste. Sertão este, geralmente, identificado com tipos sociais em extinção (cantadores e cangaceiros) e, também, com a falta, com a precariedade, com a necessidade (árido e nu). Promovendo a construção discursiva de um "Nordeste" enquanto recorte geográfico, temporal, cultural e social[25]. Por fim, menciona o Acre, local depositário do emigrante cearense fugido da seca e da carestia, indo trabalhar na extração do látex da seringueira.

Para além da caracterização espaço-regional, o escritor assinala as peculiaridades gerais que, a seu ver, possuiriam ou deveriam possuir o povo brasileiro: bárbaro, amoroso, insofrido, capaz de todas as audácias e de todas as bravuras. Assim, à medida que ele vai versando sobre o seu continente e o seu povo, vai também construindo a sua própria representação dos mesmos.

No poema "Modernismo", de Jáder de Carvalho, é exemplificado a tensão existente entre o tradicional e a novidade, entre o moderno e o obsoleto:

Teu cabelo à Rodolfo[26],
tuas olheiras românticas,
teus quadris inquietos e atordoadores,
teus seios bico-de-passáro
- dão-me a ideia cabal
deste século ultra-chique!

Ontem, quando deixavas o cinema.
- colo nu,
os braços nus,
a perna escandalosamente nua,
eu tive a súbita impressão de que
na bolsa de ouro a te pender da mão,
vinha, (de precavidas que és!)
- o teu vestido...

(CARVALHO, 2011, p. 52)

Jáder de Carvalho, mesmo sendo entusiasta da "estética nova", desconfiou das novas forças históricas específicas surgidas em sua época. Em seu poema há uma abundância de símbolos "modernos" e estranhos às práticas usuais, ou, melhor dizendo, ás tradicionais: o cabelo ao estilo de Rodolfo Valentino (repleto de brilhantina), o cinema, as olheiras "românticas" (provavelmente de noites mal dormidas pela assiduidade em tertúlias noturnas). Para o escritor era um escândalo a moça mostrar os braços, o colo e as pernas, o que na

23 Campina com pequenas e contínuas elevações arredondadas, típica da planície gaúcha.
24 Grande planície coberta de vegetação rasteira, na região meridional da América do Sul.
25 Para aprofundar o debate consultar ALBUQUERQUE, Durval Muniz Jr. **Nos Destinos de Fronteiras: História, Espaços e Identidade Regional**. Recife: Bagaço, 2008.
26 Refere-se ao ator Rodolfo Valentino, astro italiano do cinema mudo norte-americano.

concepção sua, deixava-a praticamente nua, atiçando as percepções masculinas alheias. Essas novas relações proporcionaram a esse intelectual a ideia, vivíssima, das novidades singulares nas práticas cotidianas e das mudanças ocorridas no início do século XX.

O poema "Em Louvor da Princesa do verde mar..." ressalta vários aspectos da cidade como as ruas em xadrez, os carros, os ônibus, o passeio publico, o mercado, as fofocas e os bondinhos:

Amo-te, Fortaleza, amo-te
com teu céu cor do Sonho, de onde, à noite, escorre, lenta
a cocaína de alumínio do luar;
com teu mar de legenda, que, recuando,
recuando, mais te afaga e te beija, com saudade de ti;
com teu sol de oiro cadente
que é bem
– na plenitude do beijo em que te abrasa –
o mais real e mais sincero de todos os sóis;
com tuas praias de arminho, onde hoje esvoaça
o bando alvinitente das jangadas heroicas!
Quero-te, Fortaleza, quero-te
com tuas rodas nas calçadas enluaradas;
com teus burricos de canequinhos de madeira
a cruzarem, em todas as direções,
o xadrezando ingênuo
de tuas ruas polvilhadas de poeira;
com teus "serenos" tulmutuosos e brejeiros;
com teus combustores de cabeça cubista, argueirentos,
chorando num choro azinhavrado
a inutilidade dos companheiros cegados pela crise;
com teu cemitério ensombrado
de tristonhos Jeremias vegetais;
com teus templos cristãmente nus, graves e retos
como nossos avós;
com teus jardins de placidez bovina,
e canteiros floridos e brancos amarelos;
com teu calçamento agressivo, escamoso,
onde rolam, ruidosas, grandes rodas raiadas
de carroças plebeias;
com teu mercado zunzunrento e borrado
onde se vendem cajus, muricis e mangabas;
com teu povinho, que após o café das 6 horas,
vai permutar com o vizinho os palpites e os sonhos...

Amo-te, Fortaleza, amo-te
com tua querida Praça irrequieta:
a medalha de oiro e esmeralda
que ostentas ao colo, presa
ao trancelim inextricável dos mil fios elétricos
com teus bondinhos verdes e cinzentos;
com os baratões coloridos de teus ônibus bojudos;
com teus autos chispantes, senhoris, de mistura
com fordzinhos pernaltas;
com teus gazeteiros a apregoarem.
metálicos, cantantes,
tuas folhas tagarelas como as comadres;
com teu Passeio Público de estatuas helênicas e
quermesses:
vitrine onde se expõe, semanalmente,
tua joias tropicais de beleza gritante,
de beleza gritante, gritante! como um cartaz americano;
com teus jovens fícus-benjamin
afogados em saiotes-gradis,
ao lado dos quais vai grelando, a pouco e pouco,
a seara dinâmica das bombas de gasolina
com teus garotos modernos, que já não sonham
com pinhões, baladeiras, cara-ou-croa,
mas com os projéteis dos pelotaços no gramado
e a epopeia dos músculos no ringue!
com as antenas de tua primeira estação radiográfica
que são teus seios rijos, perfurando, já,
a cetineta diáfana do teu corpete azul...
Quero-te, Fortaleza, quero-te
porque – ah, bem o presinto! -
lateja no teu seio fecundo de cabocla
o Homem- Labor que um dia
há de extrair das moléculas de aço da machino-factura,
– vertiginosa!
febril!
Alucinante! –
A Metrópole formidável de Ouro-Pluma!
(NASCIMENTO, 2011, p. 45 - 49)

Como se pode perceber o poema é muito elucidativo, em variadas nuances, sobre a cidade de Fortaleza do início do século XX. O autor é muito sensível às condições da sociedade da sua época, construindo o texto de tal maneira que parece transportar o leitor para a sua época. É quase possível ouvir a algazarra do mercado ou ver os bondinhos passando, os carros, os ônibus, e, até mesmo, os vizinhos conversando sobre a vida alheia ao fim do dia. É como se o autor tivesse feito uma foto ou tivesse pintado uma aquarela, registrando as práticas cotidianas

em Fortaleza em meados do decênio de 1920. Legando à posteridade como ele enxergava, percebia, sentia a cidade em que residia.

Porém, o que é importante reparar é a relação entre signos opostos, construído pelo autor, criando uma tensão entre o tradicional e o moderno na cidade de Fortaleza. Bem como fizera Jáder de Carvalho no poema anterior, descrevendo uma moça “moderna” indo ao cinema. Mas o zoom do autor é bem menor e a sua abordagem é panorâmica.

É possível perceber que o poeta teve em mente um projeto possível a percorrer no poema. Ele inicia o caminho descrevendo características naturais de Fortaleza, como por exemplo, a noite, o luar, o mar, o sol, a praia. Em seguida, passa aos objetos presentes no cotidiano da cidade de Fortaleza, alternando entre referências tradicionais e modernas. De um lado, jangadas, burricos levando carroças, mercado de frutas, quermesses, do outro, ruas em xadrez, fios elétricos, os carros, as bombas de gasolina, a antena da primeira estação radiofônica. Formando uma cidade contrastando em figuras antônimas. Descrito a natureza e as coisas, o autor passa à práticas cotidianas. Ele cita as fofocas (permutas de palpites com o vizinho), os passeios familiares no passeio público e mudança de hábitos da juventude (trocando o pião e a baladeira pelo futebol e pelo boxe).

Intencionalmente ou não, os autores dos poemas acima nos legaram várias figuras, impressões e registros para pensar as mudanças ocorridas no cotidiano urbano de Fortaleza a década de 1920. E de como eles perceberam e sentiram tais mudanças.

Por fim, em relação à experiência histórica estudada, percebeu-se, em linhas gerais, a valorização da cultura popular sertaneja, dos seus temas e dos seus tipos, em detrimento da crítica à cidade, à cultura cosmopolita, à velocidade e à desagregação dos valores tradicionais. Excetuando alguns autores do livro *O Canto Novo da Raça*, pertencentes ao mesmo movimento intelectual, que eram entusiastas do futurismo, do progresso e das recentes descobertas técnico-científicas. Geralmente, o que aparece de forma pungente nas produções letradas é a valorização do regional, como forma de identidade, como reconhecimento de si próprio e da população ao que pertenciam.

Bibliografia

ANGEL, Rama. **A Cidade Letrada**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

AZEVEDO, Sânzio de. **Literatura Cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.

_________. "O Advento do Modernismo no Ceará". In: FIÚZA, Regina Pamplona (ORG.). **Modernismo: 80 anos**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2002.

_________. **O Modernismo na Poesia Cearense**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2012.

BARROSO, José Parsival. **Uma História da Política do Ceará 1889-1954**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar** – A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_________. **O Poder Simbólico**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do capitalismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** 8ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso**. 2ª ed. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

_________. **Bardos da Canalha, Quaresma de Desalentos: produção literária de trabalhadores em Fortaleza na Primeira República**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2009.

_________. PONTE, Sebastião Rogério. **Padaria Espiritual: vários olhares**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_________. **Escrita da História**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

FARGE, Arlette. **Lugares da História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FILHO, Martins (org.). **O Ceará**, 3ª Ed. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966. GAY, Peter. **Modernismo: o fascínio da heresia: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza**. 2ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1979.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. “Traços penumbristas na poesia modernista de Manuel Bandeira”. In**: Revista Soletras**, nº 25, 2013.

_________. **Pequena História do Ceará**. 4ª ed. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções**. 23ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

_________. **A Era do Capital**. 13ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

_________. **A Era dos Impérios**. 12ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

MACFARLANE, Alan. **Cultura do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

MARQUES, Rodrigo de Albuquerque. “Primeiro tempo modernista do Ceará: presença antropofágica”. In: OLIVEIRA, Irenísia Torres e SIMON, Iumna Maria (orgs.). **Modernidade e tradição na literatura brasileira: diversidades regionais**. São Paulo: Nankin, 2010.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

Memória-História. ***Enciclopédia Einaudi***, v. 1. Ed. Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2004.

MONTENEGRO, F. Abelardo. **Os Partidos Políticos do Ceará**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1980.

NOBRE, F. Silva. **1001 Cearenses Notáveis**. Rio de Janeiro: Casa do Ceará Editora, 1996.

NORBERT ELIAS. **O Processo Civilizador**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1994. 1 v.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª ed. 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Bélle Époque**. 4ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

RODRIGUES, Antonio Edmilson M.; FALCON, Francisco José Calazans. **Tempos Modernos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_________. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOUZA, Simone de (org.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

___________. NEVES, Frederico de Castro (org.). **Intelectuais**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

VELLOSO, Monica Pimenta. **História & Modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Política do Modernismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011